

SERGIO **CADERNOS DE DESENHO**



CADERNOS DE DESENHO

Curadoria | Oto Reifschneider 28 de março a 20 de maio de 2018 Caixa Cultural Brasília - Galeria Picolla I e II





s cadernos de desenho são elaborações íntimas, feitas pelos artistas para eles mesmos, para suprimir a vontade fundamental de desenhar, de tomar notas e desenvolver ideias. Além dos desenhos, neles encontramos textos, referências a outros artistas e imagens, teorias e filosofias. Encontramos também anotações para a sala de aula, telefones de parentes longínquos, listas de afazeres - esses cadernos, afinal, não são elaborados para que outros os vejam. E é justamente nisso que reside o maior interesse dessa exposição: ver a criação despida de preocupações exteriores.

Os desenhos que aqui estão deixam, pela primeira vez, o ateliê de Sergio Rizo para serem expostos. Se alguns desses desenhos foram elaborados em folhas avulsas, esquecidas na mapoteca, muitos deles saíram mesmo dos cadernos. Enquanto se pensava em soluções tecnológicas para expor os desenhos que preservassem os cadernos em sua inteireza, quiçá criando um ebook, o artista de forma desapegada os extraiu, na ponta da navalha, para que pudessem ir às paredes. O impacto dos originais é sempre outro, profundo, certeiro.

O que esses desenhos mostram é, em primeiro lugar, alguém com domínio de sua arte. Esse domínio não foi presente dos deuses, nem habilidade inata - nunca é. Ele foi, sim, alcançado ao longo

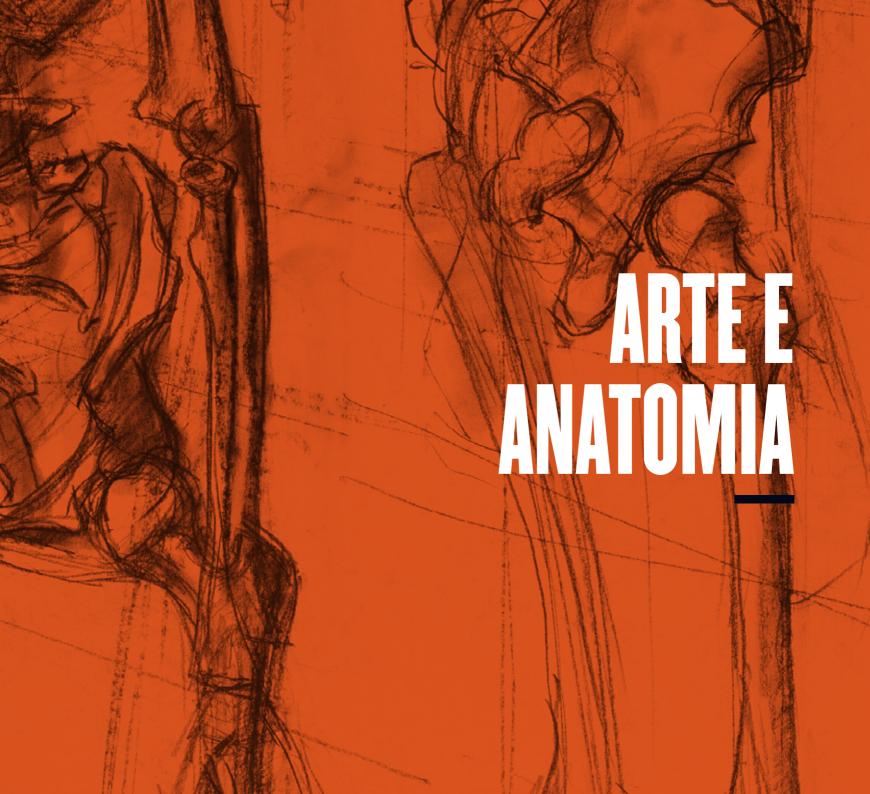
de décadas de estudos e também da docência. Afinal, quem ensina explica. E quem explica, acaba questionando e desvelando minúcias que, do contrário, passariam despercebidas. Esse domínio é, em grande medida, responsável pelo encantamento com a obra: quem é que sai de uma exposição dessas pensando "eu faco melhor"?

A exposição está dividida em duas partes complementares. De início, temos os estudos de anatomia, representados tanto por desenhos mais técnicos, de partes do corpo [músculos, ossos], quanto pela aplicação prática, de forma já naturalizada, desse conhecimento de tensões e volumes nos desenhos de modelos vivos. É com essa habilidade que o artista-arquiteto inicia a construir sua Cidade dos Anjos, todo um universo em constante elaboração que desvelamos em seguida. Estão agui apresentados alguns dos seres que o habitam, certas estruturas de suas moradas, simbioses e tecnologias de tempos idos e vindouros.

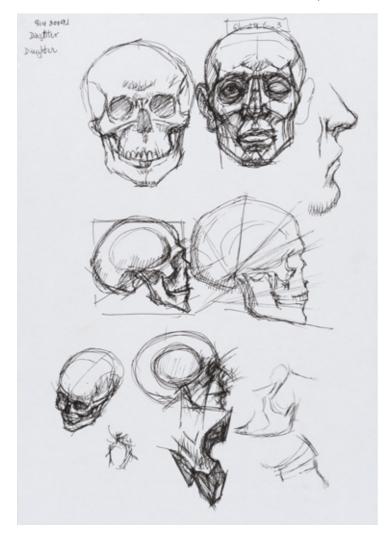
Pedimos a nosso artista, sendo ele um homem de múltiplas habilidades, que apresentasse cada uma das duas partes com textos de sua autoria. Podemos, assim, vislumbrar não apenas o mundo criado, mas algo do pensamento que permeia essas elaborações complexas.

Oto Dias Becker Reifschneider





Estudo anatômico XXIV 29.8 x 21 cm



relação entre arte e anatomia é sobretudo histórica. Desde o período arcaico grego, buscou-se um progressivo naturalismo nas estátuas, fato em parte atribuído à convivência entre escultores e médicos. O conhecimento anatômico se notabilizou nas obras do período renascentista, em que surgiram verdadeiros tratados temáticos, como aqueles deixados por Leonardo da Vinci. No rastro dessa tradição, o estudo da anatomia humana passou a integrar o programa de ensino de muitas escolas de arte, com destaque para as academias francesas do século XIX.

Foi a época da profusão de vários modelos anatômicos esculpidos, os *écorchés*, e dos catálogos ilustrados de ossos e músculos, alguns elaborados inclusive por médicos artistas. A era moderna, mesmo durante o reinado da abstração, testemunhou a continuidade da investigação anatômica ligada à arte. Sim, pois o corpo humano, como espaço de significações e saberes, é uma construção cultural. Locus da expressão individual com implicações coletivas, receptáculo da biologia, das projeções do belo, dos medos e prazeres das sociedades, o corpo é uma polissemia que atravessa a história.

A presente exposição **Cadernos de Desenho** é a retomada dos meus estudos anatômicos como uma prática imprescindível na compreensão da forma do corpo humano. Penso que é fundamental o conhecimento da anatomia na expressão da figura humana, consoante com a grande tradição da arte ocidental. Porém, considero a

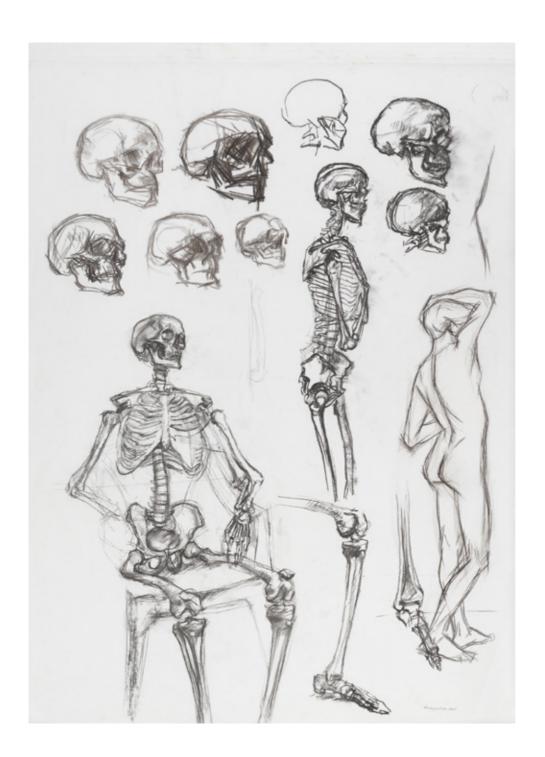
anatomia um meio, nunca um fim em si. Utilizo o desenho, principalmente, para estudar a estrutura corporal. Dessa maneira, também adoto a concepção histórica do disegno como sendo uma atividade que compreende tanto a formulação mental da ideia quanto o desenho que dela resulta. O desenho, a meu ver, é a base comum de todas as artes visuais. Termo de muitos sentidos, o desenho espelhou, na sua evolução semântica, a relação entre a arte e a técnica. Quando a tecnologia se tornou preponderante nas sociedades modernas, o desenho se evidenciou como conhecimento e linguagem. Tecnicamente falando, o desenho é um dos meios mais imediatos da expressão na arte. É uma espécie de polígrafo do espírito do artista, um revelador da sua psique. Não foi à toa que Giovanni Morelli, connoisseur e anatomista italiano do século XIX, estudava especialmente os desenhos dos artistas nas suas famosas e controversas atribuições. Esboços, portanto, não obras acabadas. Impulsos, notações, estudos rápidos, ideias, registros sensíveis, fabulações anatômicas, improvisações...

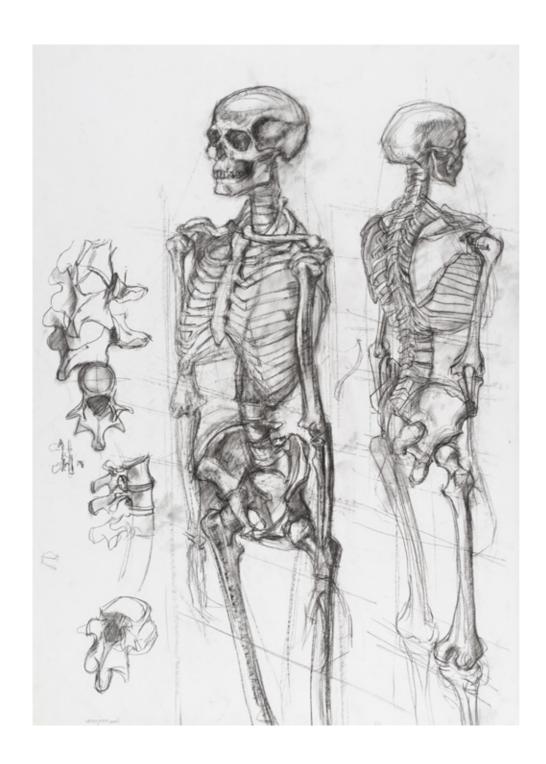
Considero a linha um dos mais nobres e sutis elementos visuais da arte. Faço dela a minha estrela-guia nos percursos dos desenhos dos corpos que observo e estudo. No caso do modelo vivo, a linha é uma tensão entre dois mundos, o da realidade tridimensional em que ela inexiste e o do plano do papel, onde ela impera. O seu uso é multifacetado e rico em analogias, ora é risco divisor dos espaços e corpos, ora é sinuosidade que conecta áreas, ora é intervalo que interrompe as formas, ora é a continuidade

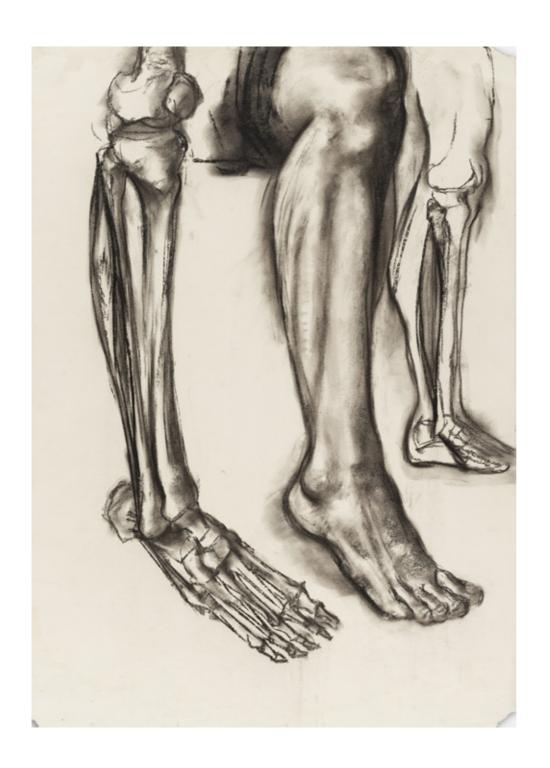
que completa as figuras. Outras vezes se aglutina em padrões de certa regularidade, as chamadas hachuras, e conforma superfícies modeladas, criando a ilusão do volume no plano. A linha é vida, movimento e música.

A prática do desenho a partir do modelo vivo é essencial na fixação dos conhecimentos corporais. É quando a expressão do corpo adquire a fundamental e necessária consistência anatômica, transformada pela sensibilidade e pela imaginação do artista. Desse modo, o corpo feminino é a forma que mais me interessa. A predominância das linhas curvas e o feitio basicamente abstrato da figura feminina são características convergentes com o sentido formal que procuro incutir nos meus desenhos de nus. O investimento erótico da minha visão masculina é o ponto de partida desses desenhos. Busco uma intensidade emotiva que extravase a tensão simbiótica entre o meu olhar e o corpo da modelo. Portanto, são poses rápidas, de 25 minutos no máximo. Anseio, mormente, retratar uma condição humana, um reflexo fugidio das nossas presenças, da nossa existência, uma identificação, eu e a modelo. Daí a minha predileção pelas poses de descanso, de relaxamento, onde diviso uma lassidão, um abandono, uma fragilidade tipicamente humana e, claro, uma certa morbidezza amorosa.

Sergio Rizo



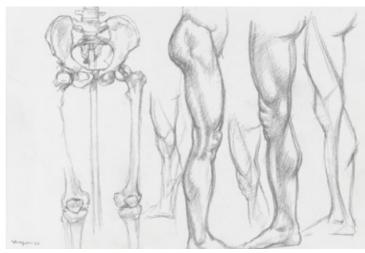


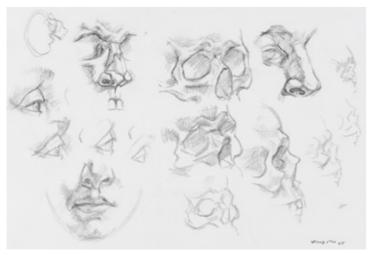












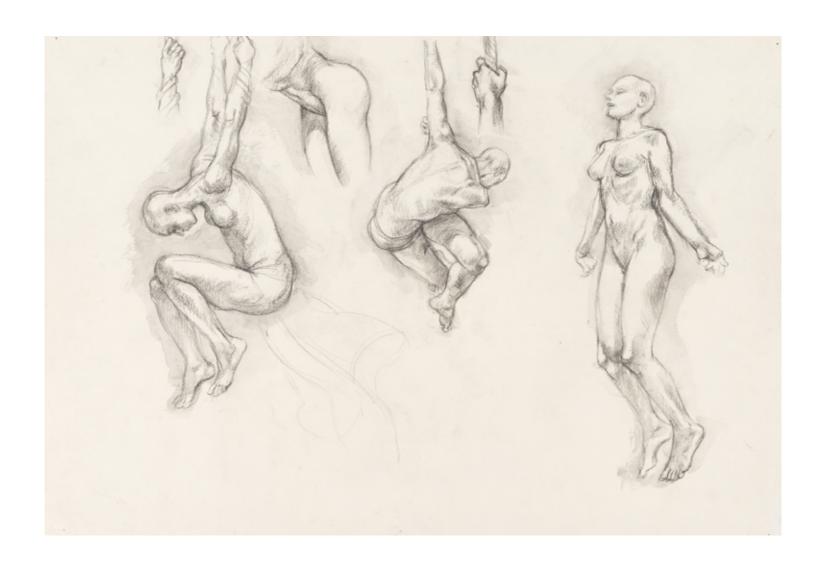


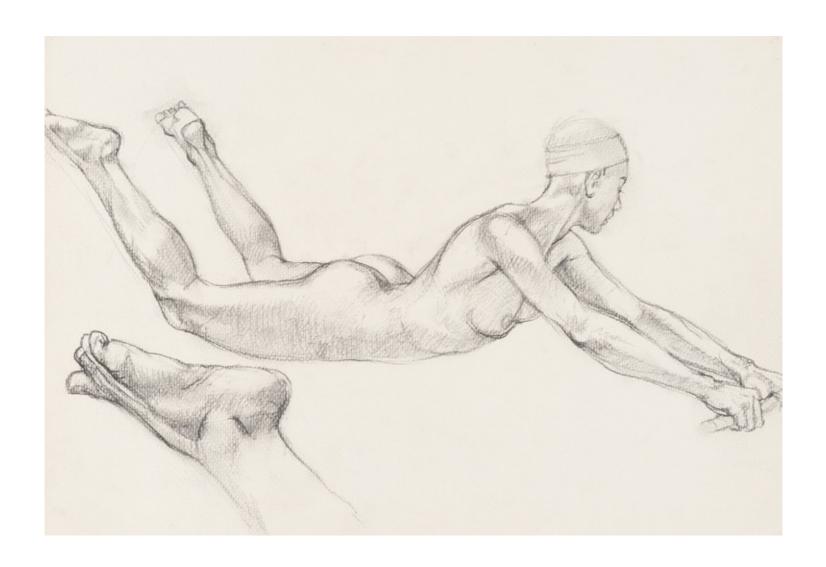
Estudo anatômico XXVII 21 x 29,8 cm

Estudo anatômico XXVIII 21 x 29,8 cm

Estudo anatômico XXIII 21 x 29,8 cm

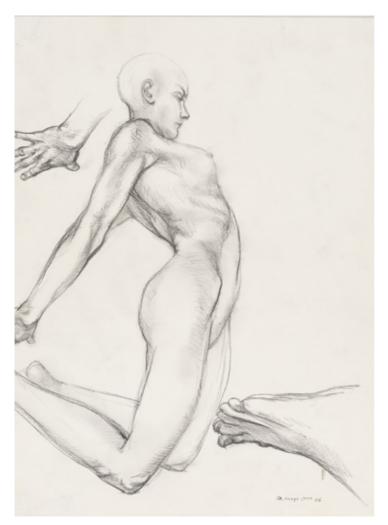
Estudo anatômico XXV 21 x 29,8 cm







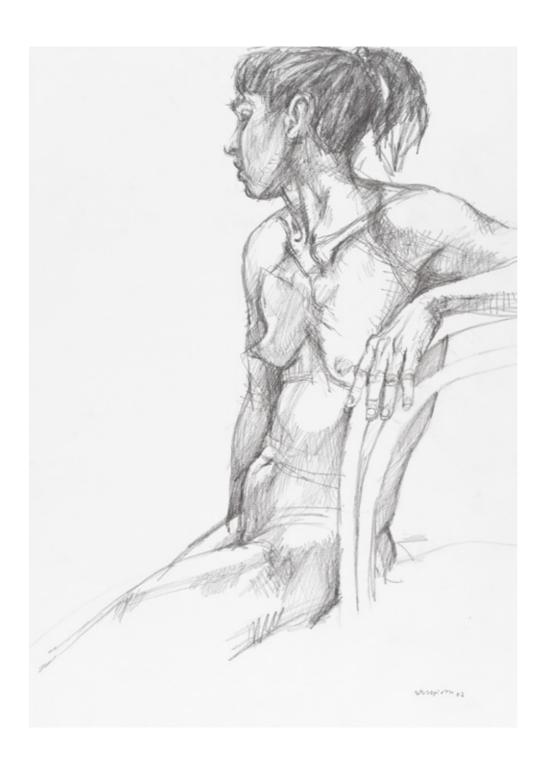








































m um dos seus sentidos mais representativos e importantes na história do Ocidente, o corpo significa o invólucro da alma, e com ela estabelece uma rica linhagem de controvérsias religiosas, filosóficas e artísticas. Essa noção aparentemente anacrônica pode se apresentar para alguns como incompatível com a ciência e o universo cultural diversificado da atualidade. Mas não é bem assim, pois, mesmo na era da inteligência artificial, renovamse mitos, entre eles o da representação plástica do corpo, tradutores da antiga ansiedade ontológica do homem na busca da sua identidade. Um desses mitos, respeitante ao Além, refere-se à Queda dos Anjos Rebeldes, que figurou numa tese de doutorado, escrita por mim em 2004, sobre as representações dos corpos nos infernos cristãos. Desde então, vejo-me envolvido com as narrativas fantásticas constantes em variadas referências, entre elas A divina comédia, de Dante, e Paraíso perdido, de Milton, que versa mais especificamente sobre os anjos caídos.

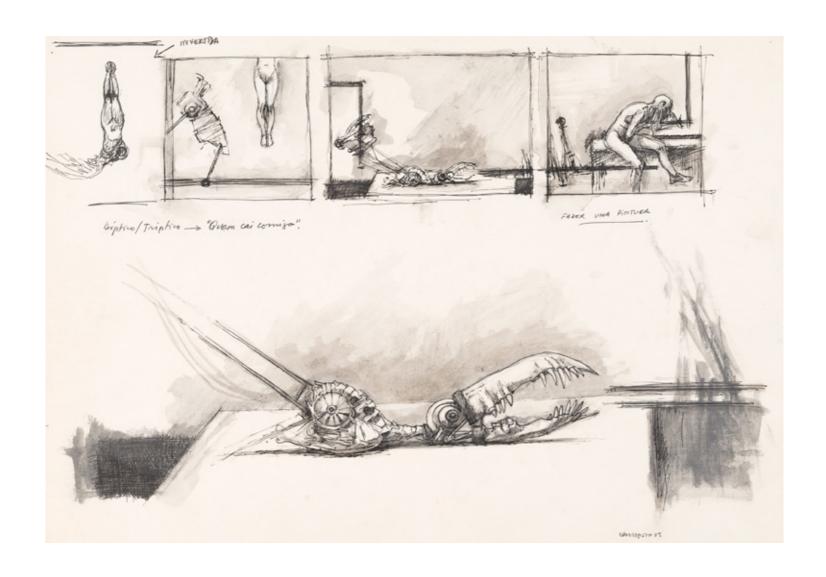
A recrudescência do gnosticismo cristão e da angelologia durante o Renascimento trouxe à tona metáforas e correspondências simbólicas que corporificavam o mundo e universalizavam o homem, na relação do macrocosmo e do microcosmo. Esses sistemas simbólicos, característicos da gnose, que indicavam o itinerário da ascensão do homem em direção a Deus, por meio das cartas cósmicas, articularam nas suas representações uma vasta categoria de correspondências simbólicas com o corpo do homem,

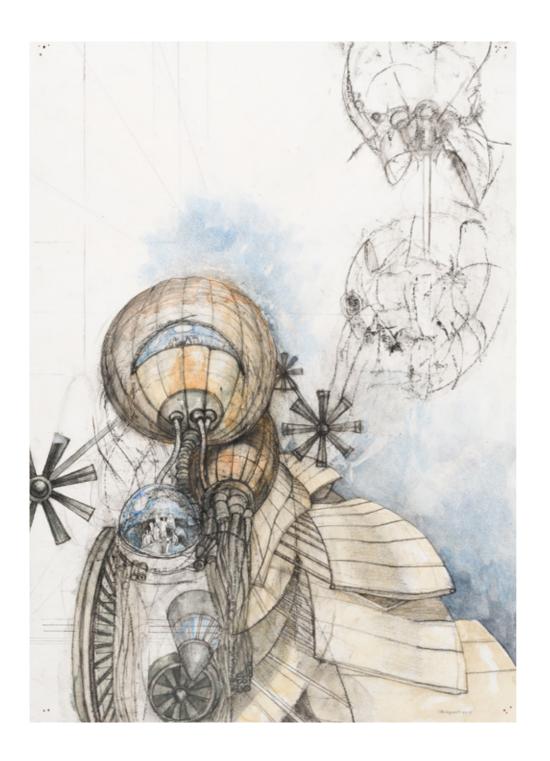
que continuam a vigorar na atualidade. Inspirado nesse fato, imaginei uma jornada de natureza fantástica, uma narrativa nos moldes das visões medievais, na qual vislumbrei uma cidade dos anjos vertical. Seria uma espécie de escada de Jacó com a diferença que existe somente o movimento de subida, representando um regresso, a paulatina espiritualização dos anjos caídos em direção à sua reintegração com o cosmo.

Os desenhos são na maioria esboços, imagens e estudos preliminares, tanto de corpos quanto de mecanismos, feitos nos meus cadernos de croquis. Rascunhei também algumas construções e espaços coletivos da imaginada cidade aérea. Dividida em bairros sobrepostos com habitantes diferenciados, ela se baseia em diversas hierarquias angélicas, como a da cabala judaica. Os desenhos são frutos da minha experiência vivenciada ao longo dos anos como professor de anatomia artística, com estudos na medicina e na veterinária. Daí as hibridizações entre gente, animais e maquinários de algumas figuras, na formação de seres imaginados como anjos caídos. E o que vem à tona, em termos simbólicos, são anjos que, exauridos de humanidade, perderam suas asas originais e necessitam usar de artefatos mecânicos e de suspensão para se manter acima do chão. Na verdade, esses anjos somos nós, na constante busca de sentido para a nossa existência no mundo, premidos entre o conhecimento da ciência e a esperança da fé.

Sergio Rizo





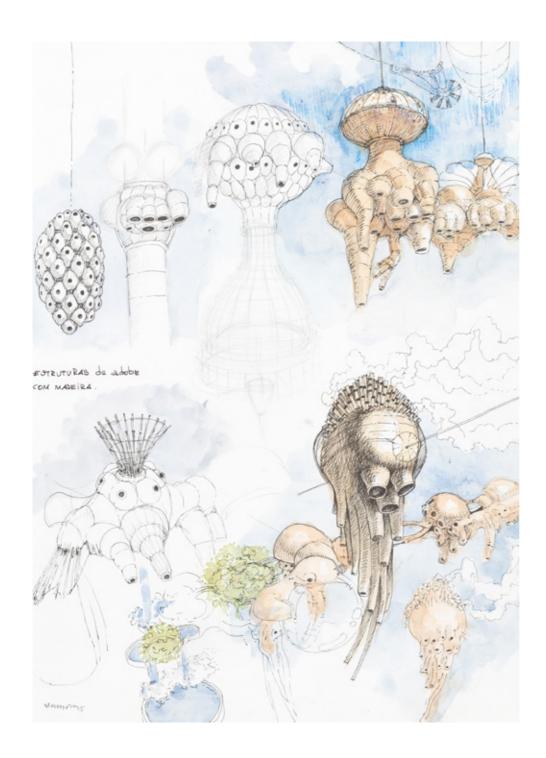




Cidade dos Anjos X 35,7 x 27,5 cm



















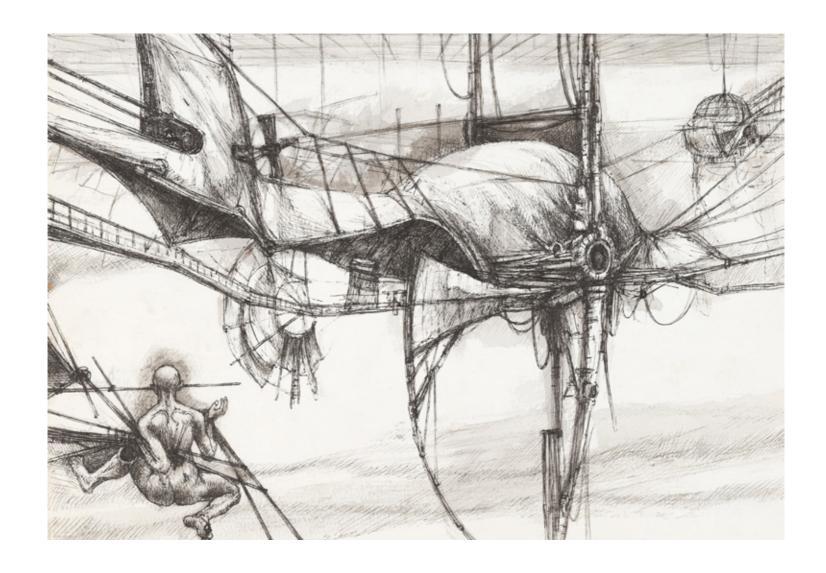


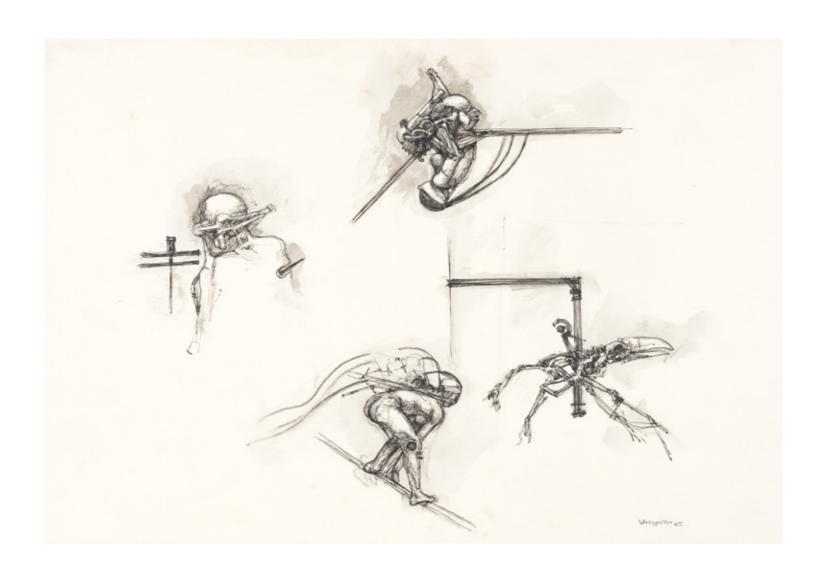


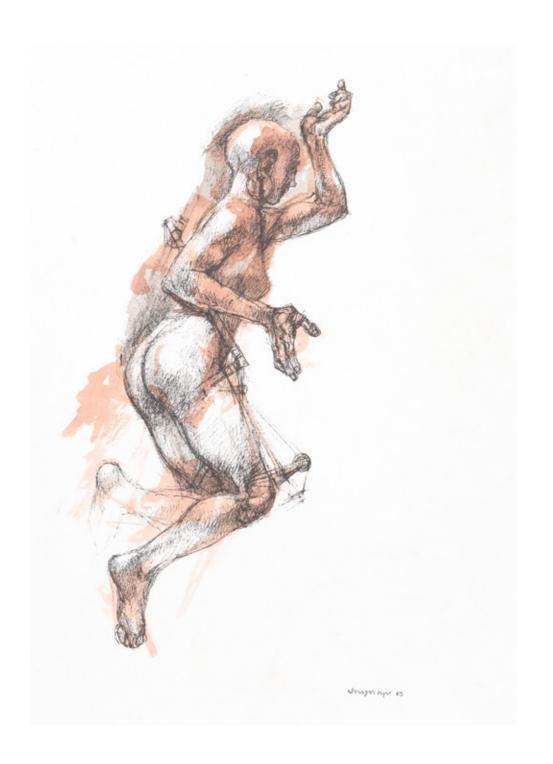
Cidade dos Anjos XXIX 25 x 19,5 cm

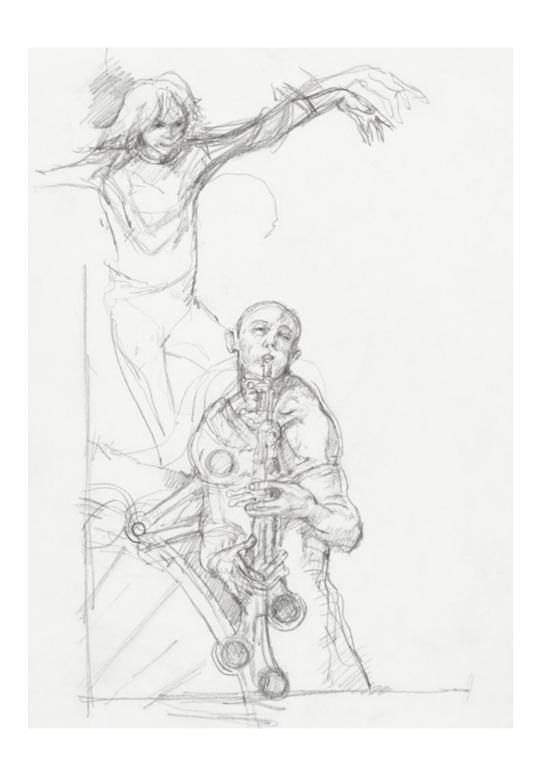


Cidade dos Anjos XXX 21,5 x 18 cm





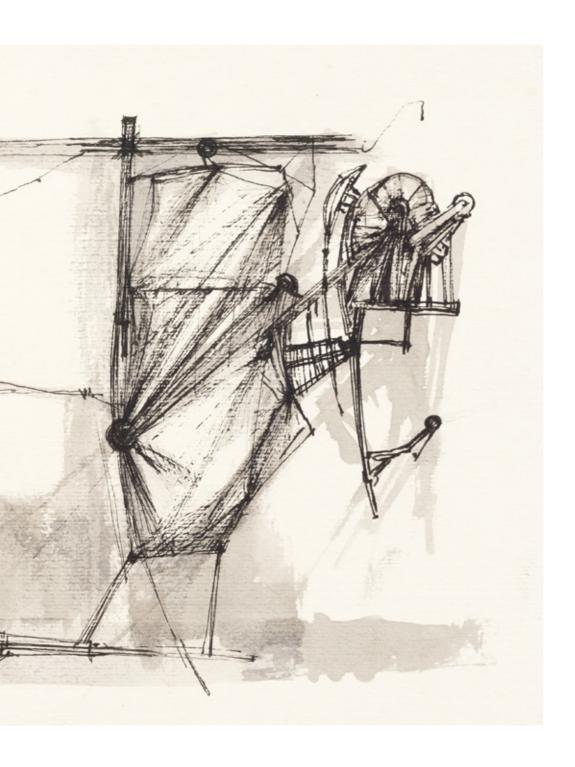






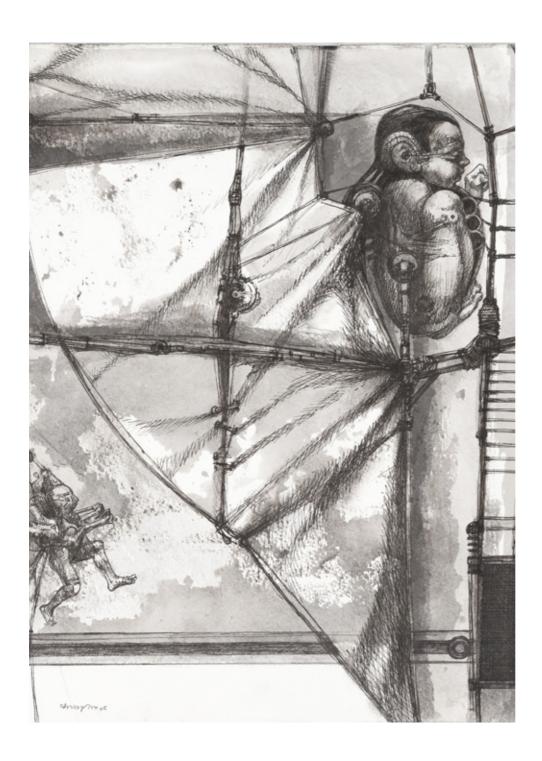






Cidade dos Anjos XXVIII 18 x 34,5 cm

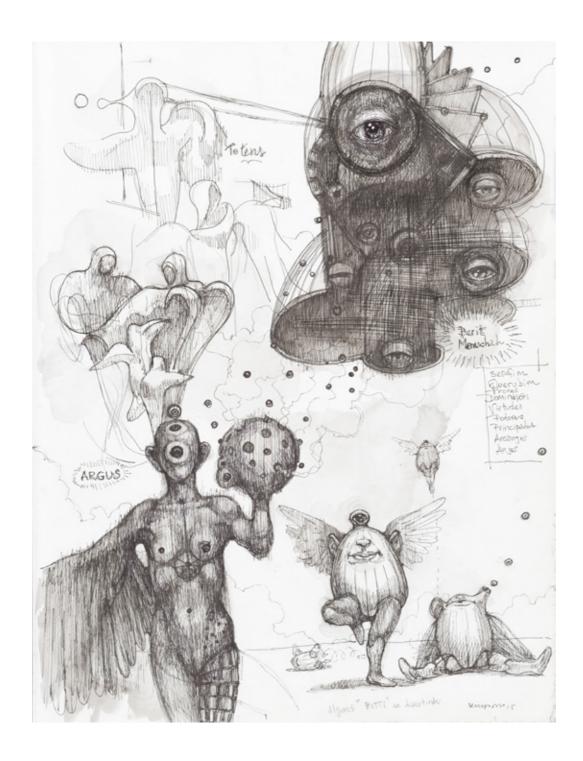




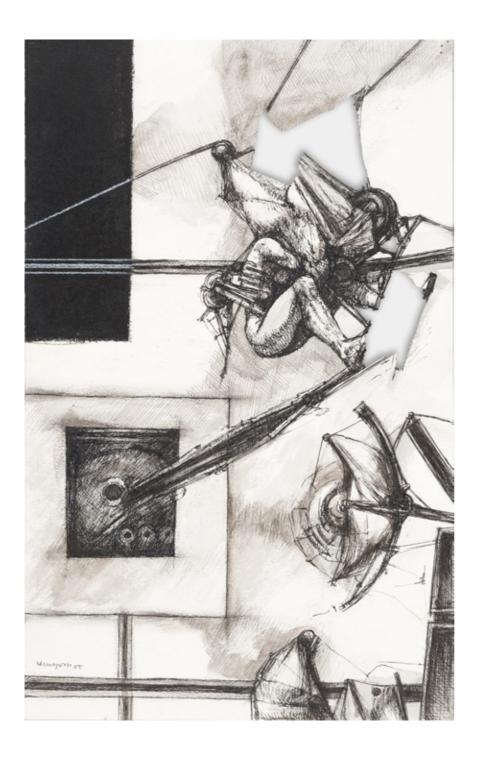




Cidade dos Anjos XIX 35,7 x 27,5 cm











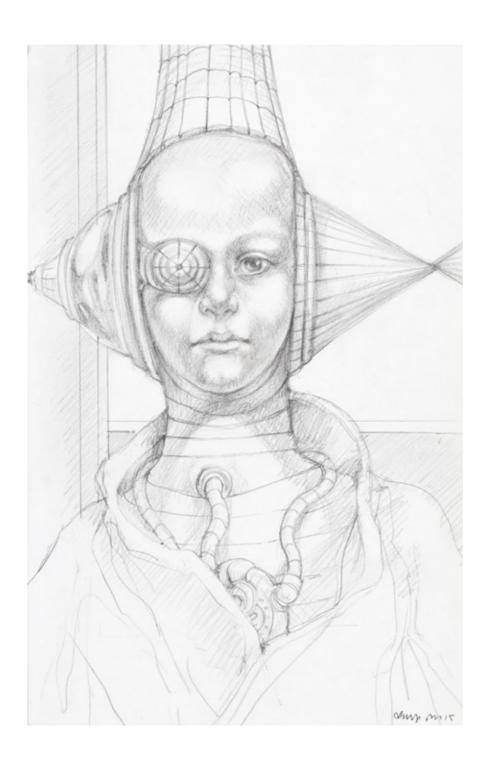






Cidade dos Anjos XXXVI 20 x 18,3 cm





Cidade dos Anjos XXXIV 21,5 x 13,7 cm



Sergio Rizo (1955) é professor, pintor e desenhista. Arquiteto de formação, obteve o título de mestre em pintura e desenho pelo Pratt Institute, em Nova York, Na Universidade de Brasília (UnB), doutorou-se em História. Estudou ainda no ateliê do artista plástico Glênio Bianchetti entre os anos de 1978 e 1982. Docente da UnB desde 1993, foi responsável pelas aulas de anatomia artística da Faculdade de Medicina. Participou de mais de 30 exposições em galerias e museus de Brasília. Rio de Janeiro e Nova York. Suas obras constam de coleções públicas e privadas no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa.

EXPOSIÇÃO

Curadoria

Oto Reifschneider

Produção Executiva

Oto Reifschneider

Assistente de Produção

Sara Seilert

Projeto Expográfico

Oto Reifschneider Priscila Sá

Sara Seilert

Programação Visual

Luis Matuto

Molduras

Vidraçaria Real

Iluminação

Dalton Camargos

Assessoria de Imprensa

Pedro Brandt





CATÁLOGO

Organização

Oto Reifschneider

Texto

Oto Reifschneider Sergio Rizo

Revisão

Gustavo Torres Falleiros

Projeto Gráfico

Luis Matuto

Imagens

Daniel Madsen

Impressão

Athalaia Gráfica

28 de março a 20 de maio Terça a domingo das 09 às 21h. Entrada França

CAIXA Cultural Brasília Galerias Piccolas I e II

SBS quadra 4 lotes 3/4 Cep 70092-900 . Brasília/DF Tel. (61) 3206-9448 (61) 3206-9449

Acesse www.caixacultural.gov.br Baixe o aplicativo Caixa Cultural. Curta facebook.com/CaixaCulturalBrasilia

Produção:









DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDA.



Produção:



Patrocínio:



